



REDATOR PRINCIPAL

**ALEXANDRE VIEIRA**

Propriedade da C. G. T.

EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redação e administração - Calçada do Combro, 28-A, 2.º

Lisboa - PORTUGAL

L. M. T. - Zelheca - Lisboa • Telefone: 11

Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## A falência da democracia burguesa

Se dúvida houvesse sobre o descredito do sistema burguês e a infelicidade das instituições criadas por ele, o flagelo da guerra que durante quatro anos assolou a humanidade e suas consequências terríveis continuam ainda — vinhão-nos provar à saciedade.

A guerra, que não foi mais que uma luta de predomínios e um gigantesco duelo de potências capitalistas desencontradas como correntes eléctricas opostas — a guerra veio de facto apressar a queda das instituições políticas base da democracia burguesa. A catástrofe que a burguesia provocou sentiu o significado eloquente da sua impotência, foi ao mesmo tempo o seu suicídio. E por mais que queiram amparar o velho edifício destruído, dobrando-o de prestígio da torre das armas, a verdade é que se desmorona e rui, e sob o travesti dum alegria postica assumem escarninhamente o rictus trágico da morte.

Baldadamente os pontífices da democracia, um Wilson ou um Lloyd George, pretendem com suas evocações dum novo direito e dum nova justiça galvanizar a humanidade que sai da guerra completamente desiludida já sem os ídolos. Debalde acenam com o chamariz tentador dum nova democracia, aliás nasados nos velhos moldes da organização capitalista. Inútil gesto. Não se rejuvenescem os quadros sociais, destroem-se. Deseja-se realmente uma democracia nova, mas uma democracia democrática não uma democracia pluto-crática. Uma democracia que seja o equivalente político dum nova estrutura económica, dum novo regime do trabalho e da produção.

Há de facto duas estruturas na sociedade, e é isto que os ideólogos burgueses não querem ver suceder que é possível operar variações no político sem que o económico seja afectado. Que pretendem é afinal com a sua Sociedade das Nações — que diga-se de passagem parece ter morrido na boca? Universalizar a democracia, federalizar os governos numa entidade que afaste a possibilidade dos conflitos armados? Os egoístas chauvins não suportariam tal abdicação. Mas admitamos que era possível semelhante acerto. Que é que resultaria dele? A derrota dos interesses, o consenso das forças capitalistas, a solidariedade das burguesias. A Sociedade das nações seria isto, uma ampliação, uma generalização do que está. Diferença de grau, mais de natureza.

**FRUTA DO TEMPO**  
**o campo socialista político**  
anda um novo partido na força

Na edição da noite do *Século* publicava-se ontem uma interessante entrevista com os deputados socialistas sr. Ladislau Batalha e Manuel José da Silva, a propósito de boatos de cisão no Partido Socialista Português, em resultado de haver uma parte constituinte dos antigos elementos do Partido que contraria a cooperação daquele organismo político nos governos burgueses, e outra, manifestamente favorável a sua cooperação. Dessa desacordo — segundo o *Século* — nasceu o boato de que os "oportunistas" ou "intervencionistas", isto é, os partidários da cooperação socialista nos governos burgueses, iam desintegrar o Partido Socialista, formando um novo organismo que chamaria "republicano socialista", permanecendo naquele outro apenas os conservadores socialistas "puritanos" ou "científicos".

Desmentiram aquelas figuras, marques do velho organismo político socialista que entre os seus corrigendos existiam divergências de opiniões desacordo sobre a tática. Mas, como faz notar o *Século*, as suas entrevistas com aqueles deputados se encarregam de mostrar que essas divergências e esse desacordo existem. Como efecto, as opiniões dos entrevistados contradizem-se, e por vezes mesmo entrevistado chega a produzir informações não concordantes entre si. O pomo da discordia consiste na cooperação ou não cooperação do Par-

E' deste modo que os reformadores burgueses interpretam a fragilidade dos povos, e é assim que eles concebem as transformações de carácter social, que não transformam afinal absolutamente nada. Ora, sem modificar a estrutura económica da sociedade, todas as experiências de fraternização e de paz social resultam estériles e não fazem senão desacreditar cada vez mais os apóstolos democráticos.

As tentativas de conciliação entre capital e trabalho que, mais do que nenhum estadista, Lloyd George com o seu espírito práctico de sociólogo tem experimentado levado a cabo, malogram-se desastrosamente, porque entre elementos heterogêneos nenhuma conciliação é possível, como não se misturam líquidos de densidades diferentes.

Não há sociologia mecânica, por mais habilmente articulada que faça deslocar automaticamente as classes sociais. E era este o ideal de Lloyd George e dos sociólogos da democracia: a sociedade dum sistema rígido não com as classes fechadas à maneira antiga mas perpetuamente renovadas por élites e selecções.

Não cremos possível que as sociedades possam evoluir em tais condições. O espírito democrático é essência niveladora. E quando dizemos nívelador não nos referimos evidentemente aos caracteres individuais, mas ao ambiente social. Nem todos os homens podem possuir as mesmas qualidades e virtudes, mas a sociedade pode facilitar-lhes condições idênticas de eficiência. E é isso que se pretende numa verdadeira democracia socialista: criar para todos os indivíduos um meio igual onde as suas faculdades se expandam na sua tendência característica. Criar o mesmo ambiente social para todos, como é o mesmo para todos o ar que se respira. Este ambiente livre e homogéneo só o podemos obter desorganizando o actual sistema das sociedades, arrazando os tabiques que dividem ainda os agregados humanos e formam as classes sociais e fazendo correr sobre os destroços a onda niveladora da verdadeira democracia.

Mas há de facto sintomas desta democracia tal como nós a queremos? Existe ela já de facto no domínio das concretizações? Chegam-nos da Rússia rumores dessa democracia nova, ainda vaga e hesitante, mas não já tão imprecisa que sob a visão ideal com que ela nos aparece ao sentimento a nossa razão não vislumbre as linhas... da realidade.

tido nos governos burgueses — assumido que apesar de discutido no Congresso da Figueira não ficou resolvido, pois pelas respostas contraditórias dos sr. Ladislau Batalha e Manuel José da Silva não se fica saber se o P. S. P. volta ou não a participar do governo no caso de a isso ser convidado.

Quanto a nós, que de perto acompanhamos a ação parlamentar da minoria socialista, a discordância não resume apenas a esta questão. A ação da minoria socialista peca pela falta de homogeneidade. Compreenderam os deputados socialistas o mal resultante dessa sua ação desordenada e desencontrada escolhendo os seus *leader* e *sub-leader*, elas, que anteriormente haviam deliberado não terem chefes.

Só os cegos não vêm bem marcada e bem flagrante a divergência entre o sr. Manuel José da Silva e o sr. Augusto Dias da Silva. São duas correntes bem distintas, bem definidas que os deputados ali representam. A disciplina partidária, porém, obrigar-nos a occultarmos o que toda a gente vê e o *Século* concluiu das entrevistas com os dois socialistas lá nomeados: — a sc. do Partido Socialista Português, desmascarando naquele outro apenas os conservadores socialistas "puritanos" ou "científicos".

Desmentiram aquelas figuras, marques do velho organismo político socialista que entre os seus corrigendos existiam divergências de opiniões desacordo sobre a tática.

Mas, como faz notar o *Século*, as suas entrevistas com aqueles deputados se encarregam de mostrar que essas divergências e esse desacordo existem. Como efecto, as opiniões dos entrevistados contradizem-se, e por vezes mesmo entrevistado chega a produzir informações não concordantes entre si. O pomo da discordia consiste na

### Em Marselha

Viajantes portugueses retidos

MARSELHA, 7 — Os passageiros do vapor "Quelime" vindos de África e que retidos durante 20 dias, pedem ao governo providências em virtude da capitânia dizer que tem que se demorar mais 23 dias aproximadamente. H

## O 40.º aniversário da "Voz do Operário"

Algumas palavras sobre o jornal e a Sociedade  
O programa dos festejos

### A vida do jornal

Passou ontem o 40.º aniversário do nosso colega da imprensa, *A Voz do Operário*. Fundado a 11 de outubro de 1879, com seu primeiro redactor Custoílio Braz Pacheco, elemento prestímoso da classe dos manipuladores de tabaco, e soldado dedicado do movimento associativo. No artigo de fundo do seu 1.º número, o programa do jornal exposto era nas seguintes linhas:

"A numerosa classe dos manipuladores de tabaco, despertando do letargo com que tem jazido e impedita pela necessidade, medra da vida, por um intenso esforço para se libertar da escravidão em que tem vivido, levantando-se do abatimento moral que lhe sufoca suas justas aspirações e sair do abismo para onde a sua ignorância e indelicadeza inacessão a arremessaram. Mas

Assim, para salvar as dificuldades, os manipuladores resolveram pagar uma cota semanal de 20 réis. Aderiram a esta ideia 33 charuteiros da Regal a, 33 charuteiros das barreiras, 45 cigarreiros das barreiras, 23 cigarreiros das barreiras e 53 operários de Xabregas.

Durante muito tempo se manteve este compromisso, até que se resolvessem ampliar a organização, admitindo sócios doutras classes. Parece que a admissão desses sócios data de 1887 ou 1890.

A 1.ª carreta fúnebre foi inaugurada em Novembro de 1884, sob a direcção de Manoel José de Assunção, também dedicado soldado do movimento associativo. A carreta era para sócios e assistentes, pagando uns é outros a condução. Em Março de 1888 fazia-se a emissão de ações, que habilitasse a Sociedade a concluir a construção da sua sede social. Deu-se, porém, o medonho com lito mundial, que tanto agravou as condições económicas das classes produtoras, o prego dos materiais de construção duplicou, quadruplicou mesmo, a mão de obra elevou-se também, e assim esbarram-se com dificuldades, que deram como consequência que a obra vai ainda em meio, e já se consumiu verba que, em tempo normal, seria para de festejos.

Os primeiros passos da novel colectividade foram de festejos. O movimento social não se desenvolveu com larguezas.

Assim, em 1890, a Sociedade contava

unicamente com 1.056 sócios da classe

e 2.484 auxiliares. No fim desse ano, o

número de sócios elevava-se já a 4.948.

Em 1895, o número de sócios era já de

19.350. Em 1902, havia já 49.893 sócios.

Depois, o número aumentou sempre,

mesmo durante o período calamitoso

da Sociedade, embora os trabalhos organizados não tivessem uma grande consistência. Se Custódio Braz Pacheco e Eusebio Luís de Paula, foram a alma do jornal, Joaquim Augusto Dias foi a alma da Sociedade.

Assim, para salvar as dificuldades, os manipuladores resolveram pagar uma cota semanal de 20 réis. Aderiram a esta ideia 33 charuteiros da Regal a, 33 charuteiros das barreiras, 45 cigarreiros das barreiras, 23 cigarreiros das barreiras e 53 operários de Xabregas.

A planta do edifício foi feita pelo distinto arquitecto sr. Norte Júnior, e os trabalhos começaram. Na execução desses trabalhos se consumiu uma parte importante do saldo social. Fez-se também por essa ocasião um plano para a emissão de ações, que habilitasse a Sociedade a concluir a construção da sua sede social. Deu-se, porém, o medonho com lito mundial, que tanto agravou as condições económicas das classes produtoras, o prego dos materiais de construção duplicou, quadruplicou mesmo, a mão de obra elevou-se também, e assim esbarram-se com dificuldades, que deram como consequência que a obra vai ainda em meio, e já se consumiu verba que, em tempo normal, seria para de festejos.

No entanto, embora lentamente, os trabalhos prosseguem. As dívidas concedidas pelos ministérios do trabalho e justiça, vieram por momentos salvar a situação. Devemos dizer ainda que a sede da Voz, quando concluída, será um monumento que atestará a firmeza

de que arrelia salte a gente da casa com o coração saltando de alegria, alegria que este sol outono ainda tem muita.

Assim, para salvar as dificuldades, os manipuladores resolveram pagar uma cota semanal de 20 réis. Aderiram a esta ideia 33 charuteiros da Regal a, 33 charuteiros das barreiras, 45 cigarreiros das barreiras, 23 cigarreiros das barreiras e 53 operários de Xabregas.

A planta do edifício foi feita pelo distinto arquitecto sr. Norte Júnior, e os trabalhos começaram. Na execução desses trabalhos se consumiu uma parte importante do saldo social. Fez-se também por essa ocasião um plano para a emissão de ações, que habilitasse a Sociedade a concluir a construção da sua sede social. Deu-se, porém, o medonho com lito mundial, que tanto agravou as condições económicas das classes produtoras, o prego dos materiais de construção duplicou, quadruplicou mesmo, a mão de obra elevou-se também, e assim esbarram-se com dificuldades, que deram como consequência que a obra vai ainda em meio, e já se consumiu verba que, em tempo normal, seria para de festejos.

No entanto, embora lentamente, os trabalhos prosseguem. As dívidas concedidas pelos ministérios do trabalho e justiça, vieram por momentos salvar a situação. Devemos dizer ainda que a sede da Voz, quando concluída, será um monumento que atestará a firmeza

de que arrelia salte a gente da casa com o coração saltando de alegria, alegria que este sol outono ainda tem muita.

Assim, para salvar as dificuldades, os manipuladores resolveram pagar uma cota semanal de 20 réis. Aderiram a esta ideia 33 charuteiros da Regal a, 33 charuteiros das barreiras, 45 cigarreiros das barreiras, 23 cigarreiros das barreiras e 53 operários de Xabregas.

A planta do edifício foi feita pelo distinto arquitecto sr. Norte Júnior, e os trabalhos começaram. Na execução desses trabalhos se consumiu uma parte importante do saldo social. Fez-se também por essa ocasião um plano para a emissão de ações, que habilitasse a Sociedade a concluir a construção da sua sede social. Deu-se, porém, o medonho com lito mundial, que tanto agravou as condições económicas das classes produtoras, o prego dos materiais de construção duplicou, quadruplicou mesmo, a mão de obra elevou-se também, e assim esbarram-se com dificuldades, que deram como consequência que a obra vai ainda em meio, e já se consumiu verba que, em tempo normal, seria para de festejos.

No entanto, embora lentamente, os trabalhos prosseguem. As dívidas concedidas pelos ministérios do trabalho e justiça, vieram por momentos salvar a situação. Devemos dizer ainda que a sede da Voz, quando concluída, será um monumento que atestará a firmeza

de que arrelia salte a gente da casa com o coração saltando de alegria, alegria que este sol outono ainda tem muita.

Assim, para salvar as dificuldades, os manipuladores resolveram pagar uma cota semanal de 20 réis. Aderiram a esta ideia 33 charuteiros da Regal a, 33 charuteiros das barreiras, 45 cigarreiros das barreiras, 23 cigarreiros das barreiras e 53 operários de Xabregas.

A planta do edifício foi feita pelo distinto arquitecto sr. Norte Júnior, e os trabalhos começaram. Na execução desses trabalhos se consumiu uma parte importante do saldo social. Fez-se também por essa ocasião um plano para a emissão de ações, que habilitasse a Sociedade a concluir a construção da sua sede social. Deu-se, porém, o medonho com lito mundial, que tanto agravou as condições económicas das classes produtoras, o prego dos materiais de construção duplicou, quadruplicou mesmo, a mão de obra elevou-se também, e assim esbarram-se com dificuldades, que deram como consequência que a obra vai ainda em meio, e já se consumiu verba que, em tempo normal, seria para de festejos.

No entanto, embora lentamente, os trabalhos prosseguem. As dívidas concedidas pelos ministérios do trabalho e justiça, vieram por momentos salvar a situação. Devemos dizer ainda que a sede da Voz, quando concluída, será um monumento que atestará a firmeza

de que arrelia salte a gente da casa com o coração saltando de alegria, alegria que este sol outono ainda tem muita.

Assim, para salvar as dificuldades, os manipuladores resolveram pagar uma cota semanal de 20 réis. Aderiram a esta ideia 33 charuteiros da Regal a, 33 charuteiros das barreiras, 45 cigarreiros das barreiras, 23 cigarreiros das barreiras e 53 operários de Xabregas.

A planta do edifício foi feita pelo distinto arquitecto sr. Norte Júnior, e os trabalhos começaram. Na execução desses trabalhos se consumiu uma parte importante do saldo social. Fez-se também por essa ocasião um plano para a emissão de ações, que habilitasse a Sociedade a concluir a construção da sua sede social. Deu-se, porém, o medonho com lito mundial, que tanto agravou as condições económicas das classes produtoras, o prego dos materiais de construção duplicou, quadruplicou mesmo, a mão de obra elevou-se também, e assim esbarram-se com dificuldades, que deram como consequência que a obra vai ainda em meio, e já se consumiu verba que, em tempo normal, seria para de festejos.

No entanto, embora lentamente, os trabalhos prosseguem. As dívidas concedidas pelos ministérios do trabalho e justiça, vieram por momentos salvar a situação. Devemos dizer ainda que a sede da Voz, quando concluída, será um monumento que atestará a firmeza

de que arrelia salte a gente da casa com o coração saltando de alegria, alegria que este sol outono ainda tem muita.

Assim, para salvar as dificuldades, os manipuladores resolveram pagar uma cota semanal de 20 réis. Aderiram a esta ideia 33 charuteiros da Regal a, 33 charuteiros das barreiras, 45 cigarreiros das barreiras, 23 cigarreiros das barreiras e 53 operários de Xabregas.

A planta do edifício foi feita pelo distinto arquitecto sr. Norte Júnior, e os trabalhos começaram. Na execução desses trabalhos se consumiu uma parte importante do saldo social. Fez-se também por essa ocasião um plano para a emissão de ações, que habilitasse a Sociedade a concluir a construção da sua sede social. Deu-se, porém, o medonho com lito mundial, que tanto agravou as condições económicas das classes produtoras, o prego dos materiais de construção duplicou, quadruplicou mesmo, a mão de obra elevou-se também, e assim esbarram-se com dificuldades, que deram como consequência que a obra vai ainda em meio, e já se consumiu verba que, em tempo normal, seria para de festejos.

No entanto, embora lent

# A Fecundação e o Pudor

Quem souber falar a linguagem da verdade não deve calar-se nunca. Eu não me calo. Por saber falá-la? Talvez não; porque eu ainda não encontrei quem estivesse na verdade absoluta; até onde me posso aventurar é que possa ser um uma verdade sua — o que pensa, e o que vê. Dizemos sinceramente o que vimos, pensamos ou sentimos é, pelo menos, proclamar a nossa verdade.

O pudor, a candura da menina que se ruboriza ao ler ou escutar um assunto vulgarmente apelidado de escabroso é uma hipocrisia, é uma mentira. Ela pega num livro, se lê uma frase que se prenda com a fecundação, cória. Por quê? Porque fecundar considera-se, segundo a moral corrente, (ainda a moral do João Félix Pereira), um acto vergonho em que uma donzela honesta não deve tocar. Os pais, os irmãos, os tutores e mesmo aqueles não lhe são nada, não lhe falam nunca da procreation, da espécie para não a corromperem, para que ela seja eternamente pura. Contam-lhe histórias invraissemes de remessas de França em condessinhas douradas. No entanto a vida vai-se-lhe revelando pouco a pouco, nas gracolas de revista, nas frases apanhadas no ar, nos livros obscenos lidos às ocultas. E' depois da tua absorvida da Verdade, todas as preverções e imoralidades, por estes processos baixos e repugnantes, que ela começa a cória... que começa a ser ingénua.

Uma instrução assim não instrui, corrupte. Um livro obsceno não poderá nunca fazer a educação da mulher no amor, será, quando muito, um meio seguro de lhe excitar a sensualidade precoce, de desviar-lhe para os prazeres reais os impetos amorosos e criadores. Talvez por isso nos encontramos em plena época de prostituição e pederias.

Os actos praticados na sombra amesquinhada a mulher, tornam-na infinitamente velhaca, engendram-lhe uma ingenuidade que não tem e, mais tarde, vem a ser uma catastrofe no lar, uma perniciosa influência nos filhos. A mulher pelas histórias de duvidosa moral que observa julga ter-se intelectado de toda a Verdade que existe, por esse meio, ela conhece apenas o que não tinha necessidade alguma de conhecer. Passa a considerar esse acto de inegualável Beleza um crime, que segundo a lei ou preconceito, só se pode praticar depois de ter assinado um papel ou receber a benção de qualquer padre amanhecido que para si apareça.

Mas para que tanta complicação, tanta vergonha, tanto mistério? E' vil fazer-se um filho? E' repugnante entregar-nos ao acto da copula, onde se sentem, em alguns minutos apenas, a alegria da posse, a força inexcedível do amor e da vida? Ai, Cristo, como devemos ser diabólicos por todos os crentes púdicos por teres exclamado: "Crescei e multiplicai-vos." Eu descreio do poder divino e do preconceito humano; e acelito, no entanto, e cumpro como minha aquela frase. E aos meus filhos ensinar-lhes-hei toda a verdade que sei da criação humana; po-la-hei a ná, arrancar-lhe-hei esse pudor que gera a hipocrisia; a lei que põe entraves e desgostos em tudo, e dir-lhe-hei que caminha pelo humano caminho da procriação. Far-lhe-hei compreender quê essa acção que a maioria reputa de indigna ocultando-a, é digna de ser cantada como tem sido cantado o sofrimento; que ela merece mais do que a morte o pincel do pintor, a pena do literato ou o cin-

Reconsiderando.

E' belo, mas é perigoso dizermos a nossa verdade. Talvez tivesses andado mal em exprimir sinceramente o que penso a respeito da Fecundação humana e do pudor parvo, porque corro o risco de, ao sair de casa, encontrar todos os poetas fáldos que exaltam a virgindade, a candura e os olhos negros das donzelas, como graças eternas da Mulher; todos os pais de família, moralistas e médicos; todos os conservadores e muitos avançados, de bengalão em punho, a chamarém-me desmoronador das turbas, e aplicarem-me uma sova monumental. Que grande massa, hein? Ora apaguem, se quiserem, o que acima fico dito, mas deixem-me em paz, na serena paz da minha consciência.

Mário DOMINGUES.

## O bacalhau pobre do bemérito sr. Caetano Alves

### Uma carta dos retalhistas

Envia-nos a Associação dos Vendeeiros dos Viveres a Retalho uma cópia da carta que pelo sr. Caetano Alves lhe foi enviada e onde este negociante afirma

não serem verdadeiras as declarações que a imprensa lhe atribuiu de que vendia bacalhau aos retalhistas pelo preço de \$60 o quilo. O que ele disse é que

poderia fornecer bacalhau inglês em

condições tais aos retalhistas, que estes

poderiam revendê-lo a \$60 e \$70, mas

nem assim os mercereiros o compravam

pois que o público não consumia o gênero.

E' esta a sumula das declarações do sr. Caetano Alves. Acode logo à memória que o tal bacalhau a que se refere o negociante chamando-lhe inglês em condições tais aos retalhistas, que estes

poderiam revendê-lo a \$60 e \$70, mas

nem assim os mercereiros o compravam

pois que o público não consumia o gênero.

E' esta a sumula das declarações do sr. Caetano Alves. Acode logo à memória que o tal bacalhau a que se refere o negociante chamando-lhe inglês em condições tais aos retalhistas, que estes

poderiam revendê-lo a \$60 e \$70, mas

nem assim os mercereiros o compravam

pois que o público não consumia o gênero.

E' esta a sumula das declarações do sr. Caetano Alves. Acode logo à memória que o tal bacalhau a que se refere o

negociante chamando-lhe inglês em

condições tais aos retalhistas, que estes

poderiam revendê-lo a \$60 e \$70, mas

nem assim os mercereiros o compravam

pois que o público não consumia o gênero.

E' esta a sumula das declarações do sr. Caetano Alves. Acode logo à memória que o tal bacalhau a que se refere o

negociante chamando-lhe inglês em

condições tais aos retalhistas, que estes

poderiam revendê-lo a \$60 e \$70, mas

nem assim os mercereiros o compravam

pois que o público não consumia o gênero.

E' esta a sumula das declarações do sr. Caetano Alves. Acode logo à memória que o tal bacalhau a que se refere o

negociante chamando-lhe inglês em

condições tais aos retalhistas, que estes

poderiam revendê-lo a \$60 e \$70, mas

nem assim os mercereiros o compravam

pois que o público não consumia o gênero.

E' esta a sumula das declarações do sr. Caetano Alves. Acode logo à memória que o tal bacalhau a que se refere o

negociante chamando-lhe inglês em

condições tais aos retalhistas, que estes

poderiam revendê-lo a \$60 e \$70, mas

nem assim os mercereiros o compravam

pois que o público não consumia o gênero.

E' esta a sumula das declarações do sr. Caetano Alves. Acode logo à memória que o tal bacalhau a que se refere o

negociante chamando-lhe inglês em

condições tais aos retalhistas, que estes

poderiam revendê-lo a \$60 e \$70, mas

nem assim os mercereiros o compravam

pois que o público não consumia o gênero.

E' esta a sumula das declarações do sr. Caetano Alves. Acode logo à memória que o tal bacalhau a que se refere o

negociante chamando-lhe inglês em

condições tais aos retalhistas, que estes

poderiam revendê-lo a \$60 e \$70, mas

nem assim os mercereiros o compravam

pois que o público não consumia o gênero.

E' esta a sumula das declarações do sr. Caetano Alves. Acode logo à memória que o tal bacalhau a que se refere o

negociante chamando-lhe inglês em

condições tais aos retalhistas, que estes

poderiam revendê-lo a \$60 e \$70, mas

nem assim os mercereiros o compravam

pois que o público não consumia o gênero.

E' esta a sumula das declarações do sr. Caetano Alves. Acode logo à memória que o tal bacalhau a que se refere o

negociante chamando-lhe inglês em

condições tais aos retalhistas, que estes

poderiam revendê-lo a \$60 e \$70, mas

nem assim os mercereiros o compravam

pois que o público não consumia o gênero.

E' esta a sumula das declarações do sr. Caetano Alves. Acode logo à memória que o tal bacalhau a que se refere o

negociante chamando-lhe inglês em

condições tais aos retalhistas, que estes

poderiam revendê-lo a \$60 e \$70, mas

nem assim os mercereiros o compravam

pois que o público não consumia o gênero.

E' esta a sumula das declarações do sr. Caetano Alves. Acode logo à memória que o tal bacalhau a que se refere o

negociante chamando-lhe inglês em

condições tais aos retalhistas, que estes

poderiam revendê-lo a \$60 e \$70, mas

nem assim os mercereiros o compravam

pois que o público não consumia o gênero.

E' esta a sumula das declarações do sr. Caetano Alves. Acode logo à memória que o tal bacalhau a que se refere o

negociante chamando-lhe inglês em

condições tais aos retalhistas, que estes

poderiam revendê-lo a \$60 e \$70, mas

nem assim os mercereiros o compravam

pois que o público não consumia o gênero.

E' esta a sumula das declarações do sr. Caetano Alves. Acode logo à memória que o tal bacalhau a que se refere o

negociante chamando-lhe inglês em

condições tais aos retalhistas, que estes

poderiam revendê-lo a \$60 e \$70, mas

nem assim os mercereiros o compravam

pois que o público não consumia o gênero.

E' esta a sumula das declarações do sr. Caetano Alves. Acode logo à memória que o tal bacalhau a que se refere o

negociante chamando-lhe inglês em

condições tais aos retalhistas, que estes

poderiam revendê-lo a \$60 e \$70, mas

nem assim os mercereiros o compravam

pois que o público não consumia o gênero.

E' esta a sumula das declarações do sr. Caetano Alves. Acode logo à memória que o tal bacalhau a que se refere o

negociante chamando-lhe inglês em

condições tais aos retalhistas, que estes

poderiam revendê-lo a \$60 e \$70, mas

nem assim os mercereiros o compravam

pois que o público não consumia o gênero.

E' esta a sumula das declarações do sr. Caetano Alves. Acode logo à memória que o tal bacalhau a que se refere o

negociante chamando-lhe inglês em

condições tais aos retalhistas, que estes

poderiam revendê-lo a \$60 e \$70, mas

nem assim os mercereiros o compravam

pois que o público não consumia o gênero.

E' esta a sumula das declarações do sr. Caetano Alves. Acode logo à memória que o tal bacalhau a que se refere o

negociante chamando-lhe inglês em

condições tais aos retalhistas, que estes

poderiam revendê-lo a \$60 e \$70, mas

nem assim os mercereiros o compravam

pois que o público não consumia o gênero.

E' esta a sumula das declarações do sr. Caetano Alves. Acode logo à memória que o tal bacalhau a que se refere o

negociante chamando-lhe inglês em

condições tais aos retalhistas, que estes

poderiam revendê-lo a \$60 e \$70, mas

nem assim os mercereiros o compravam

# A BATALHA

no Porto

Ainda o movimento das classes textis — A fábrica Pinto de Azevedo — Os empregados na indústria textil reuniram e deliberaram, além de outras coisas, pugnar pelas oito horas, protestar contra a prisão dos jovens sindicalistas e não aceitar a vários pedidos oficiais

PORTO, 9.— Infelizmente o sr. M. P. de Azevedo teve artes de conseguir que parte do seu passado feminino, recrutado fora de portas, retomasse o trabalho com as 10 horas, pondo, portanto, em prática o seu plano, que é dar mostras de energia aos seus colegas e furar a regalia alcançada nas outras fábricas textis. Esta traição, como é natural, causou uma grande indignação entre os operários textis, verberando o procedimento das suas colegas que se deixaram levar pelas canticas do seu patrão renitente, parecendo eminentes vários conflitos, embora até agora nenhuma se desse. Todos julgavamos que não sucedesse semelhante coisa, não só porque iria afectar os desejos de milhares de desgraçados de ambos os sexos, mas também porque, sendo uma só fábrica fechada, no tocante a fiação e tecelagem, bem entendido, ela ver-se-ia, em breve, obrigada a abrir, de par em par, as suas portas.

Porém, as que deram um mau exemplo de solidariedade não quereram reflectir nestes factos, nem sequer se esforçaram por conseguir emprego noutras casas, como aconteceu com uma parte do pessoal do sr. Azevedo, — o que seria preferível a uma ação tão indigna que pode originar sérias consequências. Até ao momento de escrever estas ligeiras notas, os restantes industriais não tocaram no horário conquistado, talvez receiosos, e com certa justificação, de que o respectivo pessoal se levante novamente. Pensa-se em chamar, por meios susários, ao cumprimento do seu dever traído de lealdade e solidariedade aquela gente ignorante que não hesitou, depois do movimento quase virtualmente terminado, em ir trabalhar com as 10 horas.

Na fábrica Matos & Quintans deu-se um novo conflito entre os aficionados e os industriais. Estes não quereram pagar àqueles operários o meio dia perdido devido à reclamação das oito horas, como o fizeram a tantos outros empregados, alegando várias desculpas. Os aficionados, em face da recusa, resolveram reclamar o salário semanal, incluindo todos os feriados, domingos, etc. Como não fosse aceite esta proposta, abandonaram o trabalho, motivo por-

que Matos & Quintans empregam todas as suas energias para contratar aficionados e empregados, mas os saírem do trabalho, — o que foi feito.

Os operários nas indústrias textis, reunidos em assembleia magna, resolvem:

Não aceder ao pedido feito às associações operárias e ao operariado em geral a fazerem representar-se nas festas pelas mesmas autoridades promovidas para 5 de outubro, dando assim o mesmo desprazer às coisas políticas como eles o dão às questões económicas.

Por último ficou resolvido que a Associação de Classe dos Empregados Textis adira à resolução da U. S. O. em vez se consegue um edifício próprio para a sua sede e dos vários organismos seus aderentes.

**O campeonato Estoril**

São já numerosas e importantes as inscrições para o torneio de espada da "Taça Estoril", que se disputa na próxima quinta-feira, nos salões do Grande Casino International.

Além do detentor sr. Jorge Paiva, inscreveram-se os sr. Mouton Osório, D. José Oliveira, António Oliveira, Tomás dos Santos, Costa e Silva, Armando Maia, Francisco Vilhena e Filipe Vilhena.

A inscrição continua aberta na Sala de Armas Carlos Gonçalves.

**Academias, Universidades e Escolas**

Universidade Popular Portuguesa — Começa esta semana as conferências nessa instituição de educação popular. Vão realizar-se todas as noites sobre assuntos de interesse científico e social, pelos professores mais competentes e distintos das faculdades, licenciados, etc. Recomendam também as sessões de animatógrafo da Escola de Artes e Ofícios.

Considerando, finalmente, que o regime das 8 horas de trabalho é tido e considerado pelo operariado textil como o inicio de época, é preciso respeitar os seus direitos, que justifica a sua insistência na defesa desse horário de trabalho.

Em assembleia, tendo na máxima conta os sofrimentos físicos e morais do operariado textil, que tem sido continuamente ludibriado com as leis de proteção aos trabalhadores que devem existir, nos regulamentos das fábricas e nas repartições do Estado, sem que delas se colham os mínimos benefícios, resolve:

Continuar a pugnar pela lei do horário de trabalho de 8 horas, fazendo esforços para que ela seja posta em vigor em todo o país e exercendo pressões a favor da sua aprovação, a máxima vigilância não só nas fábricas do Porto como nas do norte do país, a fim de obstar a que elle seja transgredido, com tem sucedido com as leis que regulam o trabalho das mulheres e menores nas fábricas e outras de reconhecida utilidade para o operariado e de grande alcance social.

Depois de três meses de prisão arbitri-

tudo aquilo... E' porque te quero pura e respeitada!... E' porque tais criaturas me parecem indignas de ti... Se te não amasse, que me importaria?... E depois julgas que não quer que tu saias?... Mas não há tal... Sairemos, muitas vezes, todas as noites... Aí! Não sejas assim!... Procedi mal!... Ralha-me, batê-me... Mas fala, diz qualquer coisa.

Ela continuava a folhear o livro... As palavras estranhavam-se-me na garganta:

— Andas mal, Juliette... Afirma-te que andas mal em ser assim... Desde que eu me arrependo!... Ah! Que prazer tens tu em me torturar de tal maneira?... Se eu me arrependo!... Vamos, Juliette!...

Nenhum músculo do seu corpo se moveia, apesar dos meus rogos. A sua nuca, sobre tudo, exasperava-me. Entre as madeixas de cabelos soltos, via agoruma cabeça de animal irônico, dois olhos que me escranciam, uma bôca que me tirava a língua. E tive a tentação de lhe deitar as mãos, de a rasgar com os dedos, de lhe fazer saltar o sangue.

— Juliette! Minha Juliette!... Falarei, peço-te!... Falá-me!... Magoei-me, fui muito áspero?... E' verdade... Mas arrependo-me, peço-te perdão... Falá-me!

— Dize-se-ia que Juliette me não ouvia. Cortava as folhas do livro, e o ruído fazia sobre o papel irritava-me horroemente.

— Minha Juliette!... Tu comprehens... E' po: que te amo, que te dissesse...

## O verdadeiro Depurativo Dias Amado

O único destes nome que está registado em todos os países da Convenção Internacional de Marcas.

## As doenças sifilíticas

Continuam os fabricantes mantendo a mesma injustificada intransigência, e, por seu turno os quadradores unidos como sempre, dispostos a pre vindicar as reclamações apresentadas.

Para que a classe corticeira e todas

todas as classes trabalhadoras melhor

se pudesssem integrar, da nossa justiça distribuímos por todo o país um

manifesto elucidando a origem da

nossa causa.

Contudo, não bastam os elementos

apontados para a completa eliminação

da razão que nos assiste e por isso pas-

saremos a expôr com números todos os

aspectos de questão.

Cremos não ser exigente o seguinte

cálculo relativo ao consumo semanal

de uma família de 4 pessoas:

7,5 decilitros de azeite, \$67,5;

1/2 litro de petróleo, \$17; 1/2 litro de vina-

gre, \$6; 1 litro de feijão, 55; 1 litro de

grão, \$40; 750 gramas de toucinho,

150; 250 gramas de banha, \$50; 250

gramas de chourico, \$55; 1 quilo de aro-

z, \$46; quilo de açúcar, \$80; 100

gramas de café, \$12; 1/2 quilo de sa-

bo, \$45; 12 pães, 312; hortalicas, \$70;

peixe, \$70; carvão, \$70; tabaco e fosfo-

res, \$30; casas, \$40; encargos associati-

vos, \$12; soma, 1287, 5.

Cálculo médio da produção semanal,

gazosa: 2500, \$34, \$85; garrafas: 7500,

\$30, 2525; 1/2 garrafas: 2000, \$26, \$52;

1/4 de garrafas: 800, \$22, \$17; curtos:

1000, \$22, \$22; birlos: 800, \$12, \$9,60;

soma, \$41,12; aumento de 40%, \$164,4;

soma, \$57,56; aumento relativo à recla-

miação apresentada, 2886, 1; total 8861,7.

Restumo: Despesa, 1287,5. Gasto, in-

cluindo a reclamação já apresentada,

\$861,7. Temos, pois, um déficit de

305,8.

Adoptemos estoutro cálculo, e nem

assim, com o aumento que pedimos, se

verá que a nossa situação fica regularizada:

1,5 litro de azeite, \$135; 1/2 litro de petróleo, \$17; 1/2 litro de vinagre, \$60;

feijão, \$90; grãos, \$100; toucinho, 00;

banana, \$80; chourico, \$100; 02: 2 quilos de

arroz, \$92; peixe, \$50; açúcar, \$90; ca-

fé, \$100; 1/2 quilo de sabão, \$45; \$5;

2808; hortalicas, \$70; carvão, \$70; tem-

poro, \$50; tabaco e fosforos, \$30; casas,

\$40; encargos associativos, \$12. Soma,

9020; gasto, incluindo a reclamação apresen-

tada, \$861,7. Saldo negativo, \$40,3.

É então fato e calçado?

É isto viver, ou vegetar miserável-

mente?

Em face destes números ouvirão os

fabricantes persistir ainda na sua in-

transigência continuando a julgar exa-

geradas as nossas reclamações?

Julgarem ou não, persistam intransi-

gentes, as nossas reclamações serão

sermiantas.

E' o direito à vida que reclamámos,

que queremos, e pelo qual lutaremos

sem desfalcamentos.

**Festas operárias**

Passa hoje mais um aniversário da

fundação da Secção da Construção Ci-

vil de Palma e Arredores, comemorando

o seu 21º aniversário.

Considerando que ainda se constatau

que se realizou a sua 21ª sessão solene

no dia 21 de Setembro de 1917.

Estimam os operários que a classe

operária deve ser reconhecida

com direitos e deveres próprios.

Considerando que a classe operária

tem direitos e deveres próprios.

Considerando que a classe operária

tem direitos e deveres próprios.

Considerando que a classe operária

tem direitos e deveres próprios.

Considerando que a classe operária

tem direitos e deveres próprios.

Considerando que a classe operária

tem direitos e deveres próprios.

Considerando que a classe operária

tem direitos e deveres próprios.

Considerando que a classe operária

tem direitos e deveres próprios.

Considerando que a classe operária

tem direitos e deveres próprios.

Considerando que a classe operária

tem direitos e deveres próprios.

Considerando que a classe operária

tem direitos e deveres próprios.

Considerando que a classe operária

tem direitos e deveres próprios.

Considerando que a classe operária

tem direitos e deveres próprios.

Considerando que a classe operária

tem direitos e deveres próprios.

Considerando que a classe operária

tem direitos e deveres próprios.

Considerando que a classe operária

# Banco Português e Brasileiro

SEDE

Rua Augusta, 34 — Lisboa

FILIAL

P. Almeida Garrett — Porto

CAPITAL:

Esc. 10.000.000\$00

RESERVAS:

Esc. 7.905.000\$00

## Agentes em todo o país

Depósitos à ordem e a prazo  
em moedas portuguesas e estrangeiras

Compra e venda de câmbios

Correspondentes em todas as  
principais praças do mundo

Operações bancárias  
de todos os géneros

Cartas de crédito e circulares sobre todos os países

## A Rússia Nova

por Henriette Roland

Introdução de Perfeito de Carvalho

O sumário desta utilíssima brochura dá já uma ideia do seu valor. Trata da "Constituição actual da Rússia". Estudo de um novo regime social—Os Soviets e a sua obra.—Abolição da propriedade privada e reforma agrária.—Os serviços de instrução na Rússia.—Os factos principais ocorridos no primeiro ano da ditadura proletária vigente na Rússia são aqui amplamente estudados, sobre textos de Ulianov (Lénine), de Lunatcharsky e dos muitos proeminentes da República dos Soviets. Toda a legislação do regime novo é analisada no seu aspecto essencial.

Uma bela brochura de 32 páginas, composição compacta, capa a cores.

Preço \$10 centavos

A' venda na administração de A BATALHA, Calçada do Combro, 38-A, 2º

**A BATALHA** em TOMAR vende-se na oficina de alfaiate e serrador de Ratinundo Ribeiro, rua Leiria, onde recebe anúncios e correspondências.

## SIFILIS

TUBO de chumbo novo para Água e Gás.

Tubo de ferro fundido para algerozes de 4".

Zinco em barra para galvanização de cavaletes. Aço francês especial para minas 1" 1/4 oitavado.

Rodas Decauville novas.

Prancheta de ferro 1" x 316.

Meia cana 1" 1/2 x 1/2.

Folhas novas de molas.

Vergalhão de ferro novo 1" 3/4 quadrado.

Ferragem diversa para navios.

Paus de carga.

Um motor a gás pobre completo Stoerport 30 HP.

Serra circular com mesa de ferro.

Uma ventoinha 7" x 3/4.

Duas enfardadeiras para palha.

Uma enfardadeira para cortiça.

Madeira para caixas de exportação.

Tabaco diverso.

Cimento marcas TE NAZ.

Carboreto A e B.

Vende: A. B. dos Reis.

Cais do Sodré, n.º 52 — Tel: C. 4317.

## "A BATALHA,"

DIÁRIO OPERÁRIO DA MANHÃ

Redacção e administração

CALÇADA DO COMBRO, 38-A-2º

Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico — Talhava — LISBOA

## ASSINATURAS

Pagamento rigorosamente adiantado

Lisboa: 1 mês, \$60—Portugal, Ilhas, Colónias e Espanha, 3 meses, \$170; 6 meses, \$440; 1 ano, \$680. Territórios da União Postal: 6 meses, \$520; 1 ano, \$1040.

Não se aceitam pedidos de assinatura que não venham acompanhados da respectiva importância.—A despesa da cobrança que tiver de ser feita pelo correio é aumentada ao preço da assinatura

## ANÚNCIOS

Recebem-se, bem como reclamos, avisos, comunicados e qualquer outra publicação idêntica, aos preços da tabela, na administração da Batalha, nas agências Havaas, Bastos & Gonçalves, Americana, etc.

Comunicados e anúncios, quando contenham acusações de particulares ou relativos à vida privada seja de quem for, não se publicam, reservando-se o direito à administração de A Batalha de recusar anúncios ou qualquer outra matéria paga quando, por motivo de ordem moral, entenda dever recusar.

A marcação dos anúncios é feita pelo linómetro de corpo G.

A cargo do anunciante o imposto de sôlo, 2 centavos. Aceitam-se anúncios de todo o país, ilhas, colônias e estrangeiro.

## PAPELARIA

Viuva de Manuel da Costa Marques & C.ª Limitada

Rua do Ouro, 36

Telefone 2.676-C.

COMPLETO SORTIDO DE ARTIGOS PARA CRITÓRIO

## TRABALHADORES:

Leda A Aurora

Quinzenário de propaganda libe-

rária

Redacção e administração

RUA DO SOL, 131

PORTO — PORTUGAL

A' venda nos quiosques, tabacarias e

na administração de A Batalha.

## A BATALHA



Vou ali à CHAPELARIA LUZITANA, e por um preço baratíssimo, compro um chapéu bom, bonito, bem acabado e duma solidade capaz de resistir a todos os vasos.

## CHAPELARIA LUZITANA

Rua Arco Marquês do Alegrete, 45-51

## Agradecimento

José Maria Gomes, Eulália da Costa Mendes e sua família valem por este meio agradecer a presença de todos as pessoas que se dignaram a acompanhar a sua missa, missa sua sobrinha Eulália Fernandes. Muito gratos a todos ficam José Maria Gomes e sua esposa Eulália Mendes.

## OURO!!!

Mais barato e não se paga feito — Só milagre!!!

## OURO

Comprem na conhecida e acreditada casa Paiva & Fraga.

Há sempre grande sortido de cordões, correntes, anéis, alfinetes e mais objectos em 2.ª mão renovados com pouco feito.

4 a 12, R. da Palma, 4 a 12

Junto à Casa das Gaivotas

TELEFONE 3676

## Tuberculose, anemia, falta de forças e de apetite: Nucleo-calcina

Farmácia Formosinho  
Praça dos Restauradores, 18  
Lisboa 476

## Calçado Barato

Só vende o

## CANDEIAS

INTENDENTE (defronte do chafariz)

## Jesus na Guerra

O mártir de Golgota volta à terra, a observar os frutos produzidos pela sua propaganda revolucionária, há perto de dois mil anos efectuada. Encontra a guerra, o massacre, a pilhagem, a violência. E de novo recomeça predicando a fraternidade, o desinteresse. Os homens de agora, tão bons como os de outrora, não o compreendem. E Jesus morre, uma segunda vez, no apostolado sublime que o impulsiona. Tal é o motivo da fantasia de Adrian do Valle, fantasia concebida em intuições de evangelização revolucionária e emancipadora.

## Jesus na Guerra

Um elegante volume, artísticamente aguarelado na capa, claramente impresso, bom papel.

PREÇO \$50 centavos

A' venda na administração de A BATALHA, Calçada do Combro, 38-A, 2º

## Fósforos

Ficam avisados os srs. revendedores de fósforos de que podem dirigir directamente os seus pedidos:

No norte do País, aos Revendedores Gerais:

Alves Matos &amp; Borges, S. res

67, Rua do Bomjardim, 69 — PORTO

No Sul e Ilhas Adjacentes, aos Revendedores Gerais:

Nogueira Marques &amp; C. ta

Rua da Alfândega, 92 — LISBOA

sendo os preços por caixote de 3:600 caixinhas (25 grãos):

Fósforos de enxó 36\$00 ou \$01 por

caixinha; dítos Amoros, 72\$00 ou \$02;

dítos de Cera Comum, 72\$00 ou \$02;

dítos de Cera de Luxo n.º 1 (quarto de

caixote), 36\$00 ou \$04; dítos de Cera de Luxo n.º 2 (quarto de caixote), 27\$00 ou \$03 por caixinha, com o desconto legal de 10/10, seja qual for o número de grãos pedidos.

Qualquer queixa acerca da demora

da execução dos pedidos ou falta de

concessão do desconto, devem ser di

rigidas à Companhia Portuguesa de Fós

foros, rua de São Julião, 139 — LISBOA.

COMPANHIA DE SEGUROS  
**A NACIONAL**  
Sede na sua propriedade  
Avenida da Liberdade, 14, Lisboa



Seguros sobre a vida humana

E CONTRA

Acidentes no trabalho, incêndios,

roubo

e riscos de transporte

## RAZÃO

(Poemeto social)

O inteligente operário gráfico Alfredo Neves Dias compôs um interessante poemeto social, cujo produto líquido reverte a favor do jornal A Batalha. Trata-se de uma pequenina obra, inspirada e sincera, tecnicamente perfeita, que se lê com agrado, pelas suas passagens atraentes.

## OURO!!!

Mais barato e não se paga feito —

— Só milagre!!!

## OURO

Comprem na conhecida e acreditada

casa Paiva &amp; Fraga.

Há sempre grande sortido de cordões,

correntes, anéis, alfinetes e mais objectos

em 2.ª mão renovados com pouco feito.

4 a 12, R. da Palma, 4 a 12

Junto à Casa das Gaivotas

TELEFONE 3676

## RAZÃO

que se apresenta modestamente tem

comulado um real valor.

Um folheto impresso em magnífico

papel.

## Preço \$05 centavos

(50 réis)

A' venda na administração de A BATALHA, Calçada do Combro, 38-A, 2º

Lisboa 476

TERMINAL — 1919

A BATALHA em Braga

Vende-se na BARBEARIA RIO — Rua da Sé, 87.

TERMINAL — 1919

A BATALHA em Braga

Vende-se na BARBEARIA RIO — Rua da Sé, 87.

TERMINAL — 1919

A BATALHA em Braga

Vende-se na BARBEARIA RIO — Rua da Sé, 87.

TERMINAL — 1919

A BATALHA em Braga